

**VI ENCONTRO INTERNACIONAL DO
GRUPO EÇA
A ilustre casa de Ramires**

Caderno de Resumos

**2, 3 e 4 de dezembro de 2024
Campus Central UEPG
Mini-auditório, B108**

Comissão Organizadora

Rosana Apolonia Harmuch (UEPG)

Carlos Reis (Universidade de Coimbra)

Daiane Cristina Pereira (UEPGUFPR/CNPq)

Hélder Garmes (USP)

Giuliano Lellis Ito Santos (UEPG)

Silvio Cesar dos Santos Alves (UEL)

Sumário

- Gazeta de Notícias (anti)clerical
4 Antonio Augusto Nery (UFPR/CNPq)
- A condição feminina presente na Literatura: um estudo comparativo entre as protagonistas de *O Primo Basílio* e *Senhora*
5 Bianca de Oliveira Picaccio (UNESP/CNPq)
- Três gerações de uma família portuguesa: uma análise sobre a figuração da masculinidade em *Os Maias*, de Eça de Queirós
6 Bruna Silva Ramos (UFSM)
- O pendão desfraldado: *A Ilustre Casa de Ramires* e a intermedialidade em Eça de Queirós
7 Carlos Reis (CLP/U. Coimbra)
- Reflexões sobre possível interlocução entre *A ilustre casa de Ramires*, de Eça de Queirós, e *Dom Casmurro*, de Machado de Assis.
8 Ceila Maria Ferreira Batista (Labec-UFF/ABRAFIL)
- Pistas para uma outra história: o olhar feminino em *A ilustre casa de Ramires*
9 Daiane Cristina Pereira (UFPR/CNPq)

- Figurações de Portugal em *A relíquia* (1887), de Eça de Queirós (1845-1900)
10 Eduardo Soczek Mendes (UFPR)
- Brasil, África e a tentativa de superação da lógica colonial cultural em Eça de Queirós
11 Felipe Rodrigues Soares (USP)
- José Matias e um curioso tipo de personagem oitocentista
12 Fernando Vidal Variani (UFPR)
- A política de atravessado: *A ilustre casa de Ramires* e o final do século XIX
13 Giuliano Lellis Ito Santos (UEPG)
- Ironia e colonialismo em *A ilustre casa de Ramires* de Eça de Queirós
14 Helder Garmes (USP/CAPES)
- Etapas de construção de um romance: o caso de *O Primo Basílio*
15 Isabel Pires de Lima (ILCML/U. Porto)
- Lares enfadonhos, amores proibidos: triângulo amoroso e representação feminina em Eça de Queirós e Machado de Assis
16 Isabella Fernandes de Lima (UEPG)

Éça de Queirós e Joseph Conrad na África: técnicas narrativas para representar a catástrofe colonial entre povos africanos
17 José Carlos Siqueira (UFC)

Um Gonçalo e dois Carlos: o destino das personagens e Portugal como destino
18 José Vieira (CLEPUL/U. Lisboa/Cátedra Manuel Alegre/Università Degli Studi di Padova)

Gênero e classe em *O primo Basílio*: uma leitura de Juliana
19 Kelly da Silva Jean Jacques (UERJ)

A ilustre Casa de Ramires e os romances históricos portugueses do final do século XIX
20 Leonardo de Atayde Pereira (UFPR)

As faces de uma personagem realista: um estudo sobre a *figuração* de Amélia em *O crime do padre Amaro*
21 Lítiele Oestreich Carvalho (UFSM)

Uma filosofia do riso, ou o tudo que é nada
22 Lucas do Prado Freitas (UFPR)

Eça de Queirós na Era do Capital: dinheiro e poder em *O Primo Basílio*

23

Luciene Marie Pavanelo (UNESP)

Também tu farias o mesmo: discursos de poder e autoridade de Gonçalo Ramires

24

Marcio Jean Fialho de Sousa (UFVJM)

O diabo português e o esqueleto do sertão: uma análise dos contos *O senhor Diabo*, de Eça de Queiroz, e *A dança dos ossos*, de Bernardo Guimarães

25

Maria Luísa Bruno Baumgart (UEPG)

Estética de conversação e linguagem arcaizante em *A ilustre casa de Ramires*, de Eça de Queiroz

26

Orlando Grossegeisse (CEHUM/U. Minho)

O último dos Ramires ilustres

27

Raquel Trentin Oliveira (UFSM)

Discurso sobre os discursos do discurso: o que digo sobre o que disseram a respeito de *A ilustre casa de Ramires*

28

Rosana Apolonia Harmuch (UEPG)

Gonçalo e o problema da consciência

29

Silvio Cesar dos Santos Alves (UEL)

A apostasia do gosto

31

Tânia Furtado Moreira (CITCEM/U. Porto)

A torre em *A ilustre casa de Ramires*: entrecruzamento entre história e ficção

32

Tatiana Prevedello (CMC)

Da Estrada de Sintra à Rua Morgue: diálogos entre as narrativas policiais de Eça e Poe

33

Xênia Amaral Matos (UFPR)

Gazeta de Notícias (anti)clerical

Antonio Augusto Nery (UFPR/CNPq)

Embora a questão (anti)clerical presente na ficção queirosiana já tenha sido alvo de diversas análises críticas, o mesmo não podemos dizer com relação à forma como a problemática é veiculada nos textos de imprensa escritos pelo autor. Em busca de melhor compreender o discurso (anti)clerical de Eça presente em sua produção para periódicos, nesta intervenção pretendo me debruçar sobre algumas crônicas publicadas no jornal *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, entre 1880 e 1897. A escolha desse jornal e, concomitantemente, desse recorte temporal, tem a ver com meu interesse inicial em averiguar em que medida o (anti)clericalismo constatado no referido periódico se coaduna a mesma questão presentes em ficções produzidas pelo escritor nas décadas de 1880 e 1890. Esclareço que me interessam apologias negativas, positivas e alternativas com relação ao fenômeno (anti)clerical, por isso grafo o vocábulo e suas derivações com o prefixo “anti” entre parênteses.

A condição feminina presente na Literatura: um estudo comparativo entre as protagonistas de *O Primo Basílio* e *Senhora*

Bianca de Oliveira Picaccio (UNESP/CNPq)

Apesar de terem sido publicadas com uma diferença de apenas três anos, os romances *Senhora* (1875), de José de Alencar, e *O Primo Basílio* (1878), de Eça de Queiroz, são classificados pela historiografia literária como pertencentes a dois movimentos distintos: o Romantismo brasileiro e o Realismo português, respectivamente. Segundo a categorização feita pela crítica, no Romantismo nota-se um perfil idealizado das personagens e das situações, enquanto o Realismo escancara a realidade social, proporcionando uma consciência crítica das hipocrisias da sociedade. Desse modo, o presente trabalho busca traçar um paralelo entre as personagens protagonistas femininas, Aurélia, de *Senhora*, e Luísa, de *O Primo Basílio*, a fim de analisar o projeto literário de seus autores, a partir da condição feminina retratada por eles. Para tal, a leitura dos romances alinha-se em constante diálogo com as obras *Reivindicação dos direitos da mulher*, de Mary Wollstonecraft, e *Opúsculo Humanitário*, de Nísia Floresta, por meio das quais será possível analisar o padrão construído para a mulher do século XIX, no qual estão alicerçadas as personagens referidas.

Três gerações de uma família portuguesa: uma análise sobre a figuração da masculinidade em *Os Maias*, de Eça de Queirós

Bruna Silva Ramos (UFSM)

Este trabalho apresenta uma breve discussão sobre a figuração das personagens masculinas no romance *Os Maias*, de Eça de Queirós, e é fruto de uma pesquisa realizada durante o Mestrado. Com base em estudos recentes sobre personagens, como o do professor alemão Jens Eder (2014), que possibilita uma análise sintomática das personagens, e integrando estudos sobre gênero, como a questão da performatividade proposta por Judith Butler (1990) e da masculinidade proposta por Pierre Bourdieu (1995), busca-se demonstrar que Eça de Queirós propõe um modelo masculino — um ideal de masculinidade — que funciona no romance como um elemento da figuração das personagens. Todas as personagens masculinas presentes em *Os Maias* podem ser analisadas conforme sua aproximação ou distanciamento desse modelo. É possível observar que o próprio autor revela as inconsistências presentes nesse ideal, apresentando-o como um elemento utópico ou pertencente ao passado. Nesse ínterim, são de extrema relevância os fatores no romance que consideram a educação e a influência do meio social sobre essas personagens, característica comum às obras realistas do século XIX.

O pendão desfraldado: *A Ilustre Casa de Ramires* e a intermedialidade em Eça de Queirós

Carlos Reis (CLP/U. Coimbra)

Em “O pendão desfraldado: *A Ilustre Casa de Ramires* e a intermedialidade em Eça de Queirós”, parte-se de um episódio localizado do romance (e, especificamente, da novela *A Torre de D. Ramires*); é ele o motivo para uma análise que incidirá sobre componentes discursivos de ambos os relatos mencionados, revelando um potencial intermediático que atravessa quase toda a obra queirosiana. Estará, então, em equação a dinâmica de interações que convoca linguagens de *media* autónomos, o que permite desenvolver relações funcionais entre aquelas linguagens, tendo em atenção os seus específicos suportes e contextos comunicativos. *A Ilustre Casa de Ramires* integra-se nesse generalizado movimento interartístico, transnarrativo e de diálogo heteromediático; isso mesmo pode ser observado também quando considerarmos a fortuna cultural do romance em apreço e adaptações a que tem dado lugar.

Reflexões sobre possível interlocução entre *A ilustre casa de Ramires*, de Eça de Queirós, e *Dom Casmurro*, de Machado de Assis.

Ceila Maria Ferreira Batista (Labec-UFF/ABRAFIL)

A partir da leitura de edições críticas das referidas obras, objetos deste estudo, vamos trazer pontos de contato entre tais obras, não esquecendo de destacar as perspectivas com que vamos trabalhar: a da Crítica Textual Moderna e a de tentativa de “escovar a história a contrapelo”, expressão de Walter Benjamin, em Sobre o conceito de história, texto produzido em 1940 e editado em 2012, em língua portuguesa, pela Brasiliense. Vale destacar que também abordaremos a perspectiva de formação tanto de Eça como de Machado como escritores engajados. É importante salientar que a mencionada formação de Eça está sendo objeto de nosso estudo de Pós-Doutorado sob a supervisão de Ronaldo Lima Lins, Professor Emérito da UFRJ.

Pistas para uma outra história: o olhar feminino em *A ilustre casa de Ramires*

Daiane Cristina Pereira (UFPR/CNPq)

Muito se tem falado sobre a concepção de História que estaria embutida nas narrativas concomitantes de *A ilustre casa de Ramires*, principalmente aquela construída pelo personagem principal, Gonçalo, e por Gouveia, que compara aquele a Portugal, definindo assim a leitura de boa parte da crítica, que vê nas características e agruras do personagem um espelho do país. Neste trabalho, no entanto, desejamos fazer diferente e nos atermos aos olhares de Gracinha e Maria Mendonça, as personagens femininas com lugar de fala no romance, para focar numa versão alternativa dessa história, que daria, ao mesmo tempo, uma visão dos vencedores e dos vencidos. Achamos que, neste percurso, é importante fazer uma pequena rememoração do modo como a história das mulheres pode ser vista no romance queirosiano, o que nos remete a outros livros do autor. Dessa maneira, visando fazer uma análise discursiva desse olhar feminino, além da crítica queirosiana, pretendemos lançar mão de elementos do Estudos Feministas e da História das Mulheres, buscando trazer novas alternativas de leitura para o livro.

Figurações de Portugal em *A relíquia* (1887), de Eça de Queirós (1845-1900)

Eduardo Soczek Mendes (UFPR)

Em 1887, veio a lume o romance *A relíquia*, de Eça de Queirós (1845-1900), cuja famosa epígrafe assim reza: “Sobre a nudez forte da Verdade – o manto diáfano da Fantasia”. Já Eduardo Lourenço (1923-2020), em seu incontornável *O Labirinto da Saudade*, afirma que a produção literária oitocentista discorreu muito sobre certa “consciência de uma permanente ameaça” sobre a existência nacional, desde os traumas das invasões francesas ocorridas no início do século. Visamos, portanto, averiguar, em diálogo com os trabalhos de Lourenço, mas também com as propostas de Carlos Reis e de Maria Filomena Mónica, em que medida o “manto diáfano da Fantasia” ficcional recobre a “nudez forte da Verdade” em *A relíquia*, no que concerne às representações de Portugal: o que dizem os estrangeiros sobre o velho reino; como agem a beataria e os padres interesseiros; como são representadas a fé católica e a administração pública.

Brasil, África e a tentativa de superação da lógica colonial cultural em Eça de Queirós

Felipe Rodrigues Soares (USP)

Fruto de uma pesquisa comparativa em andamento a respeito d'*A correspondência de Fradique Mendes e Nação Crioula*, inicio minha proposta delimitando duas perspectivas culturais nas cartas de Fradique Mendes: uma eurocêntrica, em que se destaca uma hierarquização cultural depreendida da dialética colonial, como evidencia Osvaldo Silvestre (2007); e outra não-eurocêntrica, em que percebo uma lógica de construção que se quer fora da hierarquia europeia evidenciada por Silvestre, mas que funciona como resultado dela. Isto é, na tentativa de se libertar das comparações entre Portugal e demais países da Europa, Eça por meio de Fradique, especialmente, na "desordenadamente sincera" carta a Eduardo Prado acaba tecendo uma certa "terra de exílio" como coloca Machado (1980). Assim, noto uma valorização cultural "negativada" que deseja nas culturas não-europeias uma originalidade afastada de um certo falso progressismo europeu, mas que, exatamente por buscar um afastamento, tendo como centro a Europa, não escapa a posicionamentos tipicamente eurocêntricos sobre as demais culturas. Dessa forma, pensando a dissertação de José Vanzelli (2013) sobre o oriente queiroso e o texto de Maria Coelho (1997), gostaria de evidenciar o ideário mítico na construção do Brasil de Fradique, que explica, ou estende, a questão da África de Gonçalo e sua viagem.

José Matias e um curioso tipo de personagem oitocentista

Fernando Vidal Variani (UFPR)

Em dado momento do conto “José Matias”, de Eça de Queirós (1845-1900), publicado originalmente em 1897 e agregado à coletânea póstuma intitulada *Contos* (1902), o narrador afirma: “O amor espiritualiza o homem – e materializa a mulher”. A frase é utilizada para se referir a uma situação relacional complexa, vivenciada e alimentada pelo protagonista que dá nome ao texto. Nossa hipótese, entretanto, é que a frase, sem entrar nos méritos de sua validade ou não (sem dúvidas trata-se de uma afirmação hiperbólica e caricatural enunciada por um narrador intradieético), abre um espaço de diálogo com uma série de outros personagens encontrados, com maior ou menor visibilidade, em outros textos literários oitocentistas. A proposta de nosso trabalho é elaborar mais detidamente esse diálogo possível, especialmente com algumas personagens nas obras de Álvaro do Carvalho (1844-1868) e Abel Botelho (1854-1917).

A política de atravessado: A *ilustre casa de Ramires* e o final do século XIX

Giuliano Lellis Ito Santos (UEPG)

A *ilustre casa de Ramires* é um romance que trata fundamentalmente de questões políticas, seja de modo explícito, a eleição de Gonçalo para deputado, seja de modo implícito, certa atmosfera relacionada ao *Ultimatum* inglês. Nesse contexto, pretendo articular os discursos que constituem a figura de Gonçalo e a movimentação política europeia nos finais do século XIX. Para isso, partirei da ideia de que a figura familiar dos Ramires se presta a justificar um direito natural sobre a terra, alastrando tal direito para o país como mencionado diversas vezes pelo protagonista. Acredito que essa reivindicação de Gonçalo será essencial para entender a relação estabelecida no final, Gonçalo=Portugal, podendo apontar, não para uma fusão incontestável, mas para uma pista que nos ajuda a compreender os processos de subjetivação no espaço português em finais do século XIX.

Ironia e colonialismo em *A ilustre casa de Ramires de Eça de Queirós*

Helder Garmes (USP/CAPES)

Retomando o texto de Mário Sacramento, *Eça de Queirós – uma estética da ironia*, de 1945, a atual comunicação pretende investigar a ideia de colonialismo presente em *A ilustre casa de Ramires*. O referido romance foi lido por grande parte da crítica de forma bastante conservadora, identificando ali uma forte adesão do escritor ao neocolonialismo português, que caracterizará poucos anos depois a política salazarista. Busca-se demonstrar as ambiguidades que a ironia estrutural do romance produz acerca da viagem de Gonçalo para África ao final do romance; viagem que lhe proporcionou um maior enriquecimento a partir da exploração de um prazo na então colônia de Moçambique.

Etapas de construção de um romance: o caso de *O Primo Basílio*

Isabel Pires de Lima (ILCML/U. Porto)

É lendário o perfeccionismo queirosiano, em boa parte responsável pelo facto de a sua obra editada em vida ser inferior à póstuma. Esse desiderato acontece desde os primórdios da sua carreira literária, desde logo com o famoso caso de *O Crime do Padre Amaro*.

Também o seu segundo romance, *O Primo Basílio*, evidencia essa perseguição do jovem “artista” na busca da forma perfeita e de um caminho original para o seu realismo.

Nesta comunicação atentarei nas diversas soluções encontradas pelo autor para, partindo do manuscrito intitulado *O Primo João de Brito*, chegar à edição *ne varietur* do romance, a segunda edição, passando obviamente pela primeira.

Lares enfadonhos, amores proibidos: triângulo amoroso e representação feminina em *Eça de Queirós* e Machado de Assis

Isabella Fernandes de Lima (UEPG)

Este artigo visa desenvolver uma análise comparativa da representação do triângulo amoroso nos contos *No moinho* (1880), de Eça de Queirós, e *Uns Braços* (1885), de Machado de Assis. Em *No Moinho*, Eça de Queirós retrata a frustração de Maria da Piedade diante da monotonia do lar e o seu envolvimento amoroso com Adrião, um visitante que desperta seus desejos e sentimentos. Machado de Assis, em *Uns Braços*, apresenta normas morais da época por meio do desejo reprimido que surge entre D. Severina e seu hóspede, o jovem Inácio. Nesse contexto, o objetivo do estudo é analisar como os autores representam em suas narrativas as convenções sociais e o papel feminino no século XIX, sobretudo a partir da construção das personagens Maria da Piedade e D. Severina e o envolvimento de ambas em relações extraconjugais. O artigo fundamenta-se em um estudo bibliográfico que inclui textos de teoria literária, crítica literária e estudos acadêmicos relevantes. O referencial teórico abrange, entre outros, os trabalhos de Eagleton (2017), Gotlib (2006), Ribeiro (1996) e Schwarz (2000).

Eça de Queirós e Joseph Conrad na África: técnicas narrativas para representar a catástrofe colonial entre povos africanos

José Carlos Siqueira (UFC)

Edward Said, em um de seus últimos trabalhos: *Cultura e imperialismo*, de 1993, considera a novela *O coração das trevas*, de Joseph Conrad, a expressão literária do colonialismo europeu no século XIX. O romance de Eça de Queirós, *A ilustre casa de Ramires*, também é avaliado por muitos como uma apologia ao colonialismo português. No entanto, as próprias reflexões de Said sobre a obra de Conrad revelam algumas possibilidades de leitura que o crítico não desenvolveu. Este artigo propõe comparar as duas obras ficcionais para ultrapassar as interpretações consagradas a elas. Para isso, serão usados conceitos elaborados por Giorgio Agamben, como “inapreensibilidade” e “narrativa do horror”. A análise e a metodologia aqui empregadas sugerem que o texto ficcional mais importante nessas duas obras é aquele que não está escrito, e que tal texto elíptico só pode ser vislumbrado pelo leitor a partir da fricção das várias narrativas tecidas no interior das obras.

Um Gonçalo e dois Carlos: o destino das personagens e Portugal como destino

José Vieira (CLEPUL/U. Lisboa/Cátedra Manuel Alegre/Università Degli Studi di Padova)

A nossa proposta comunicação pretende analisar três personagens queirosianas – Gonçalo Mendes Ramires, Carlos da Maia e Carlos Fradique Mendes –, de modo a perceber como todas elas representam não só Portugal em contexto finissecular, mas também, com as respetivas *nuances*, aquilo que será a crise do homem moderno.

A partir do romance *A Ilustre Casa de Ramires*, daremos conta de como Gonçalo personaliza e personifica o destino de Portugal e a situação em que o país se encontra, não descurando os paralelos com a imagem de império já assinaladas por Eduardo Lourenço em *O Labirinto da Saudade*, entre outras obras.

Além disso, incidiremos ainda sobre a análise da personagem, das suas atitudes, gestos e posicionamentos que, comparados com aqueles de Carlos da Maia e de Carlos Fradique Mendes, representam uma cosmovisão finissecular, europeia e também portuguesa.

Assim, entre um Gonçalo e dois Carlos, será possível refletir sobre um país e um destino que os une.

Gênero e classe em *O primo Basílio*: uma leitura de Juliana

Kelly da Silva Jean Jacques (UERJ)

O crescimento da burguesia, a exploração da mão-de-obra do trabalhador e os interesses masculinos são alguns dos elementos que marcaram o século XIX. O enriquecimento da classe burguesa trouxe à tona problemas que marcaram violentamente a sociedade tais como o acirramento da desigualdade social e o aumento do sistema patriarcal. Ampliada essa influência do poder masculino associada ao sistema econômico vigente, temos uma sociedade extremamente centralizadora tanto no sentido econômico quanto no sentido político; nesse cenário, se o homem da classe baixa já trabalhava em condições muito precárias, para as mulheres desse último grupo, por terem seus direitos cerceados, ganhar a vida através do trabalho era uma tarefa altamente penosa. Esta comunicação abordará a obra de Eça de Queirós, *O Primo Basílio*, como texto principal, enfocando a personagem Juliana, como figura importante que se encaixa integralmente ao tema pesquisado, pois, além de ser uma trabalhadora do século XIX, a personagem vive em um cenário e passa por situações bastante promissoras para a análise supracitada, como, por exemplo, não ter dinheiro para cuidar de sua saúde, mesmo trabalhando há tantos anos; comer restos da casa dos patrões; não ter acesso a roupas decentes e a um quarto digno para dormir . Além disso, como orientação teórico-metodológica a pesquisa está baseada em estudos tais como Carlos Reis e Francisco Dantas, Irene Vaquinhas, Silvia Federici, Yvone Knibiehler, Joel Serrão e Michelle Perrot.

A ilustre Casa de Ramires e os romances históricos portugueses do final do século XIX

Leonardo de Atayde Pereira (UFPR)

Com a publicação do romance *A ilustre Casa de Ramires*, em 1900, Eça de Queirós estabeleceu um diálogo com a produção finissecular portuguesa debruçada em torno da ressignificação do passado nacional e dos rumos da política colonial. A crise da monarquia em Portugal, o episódio diplomático do “Ultimato inglês”, de 1890, e uma série de efemérides históricas vivenciadas em solo português, desencadearam uma nova onda de produções literárias referenciadas em torno das questões históricas. Autores como Artur Lobode Ávila, Rocha Martins e António Maria de Campos Júnior, motivados por essas mudanças e incertezas históricas, iniciaram uma série de publicações de romances históricos que tinham como propostas centrais revisitar figuras paradigmáticas do passado pátrio, como Camões e Vasco da Gama, e reinterpretar eventos históricos importantes para a construção da identidade do povo português. Esse movimento interpretativo da sociedade portuguesa, balizado em eventos históricos de Portugal, também foi realizado por Eça de Queirós na *Ilustre Casa de Ramires*, romance que explora a vida de um decadente fidalgo e, paralelamente, a composição de uma narrativa histórica determinante para a leitura eciana do passado e do presente português.

As faces de uma personagem realista: um estudo sobre a *figuração* de Amélia em *O crime do padre Amaro*

Litiele Oestreich Carvalho (UFSM)

Este estudo centra-se na análise sobre a construção da personagem Amélia Caminha do romance realista-naturalista *O Crime do Padre Amaro*, de Eça de Queirós. O interesse se deve às especificidades de seu processo de *figuração*. A noção de *figuração* é promulgada pelo teórico português Carlos Reis (2015) como uma forma de representação de personagens, que envolve um processo dinâmico, gradual e complexo. Busca-se esboçar uma leitura para a personagem, mais abrangente do que o enfoque na descrição e na caracterização, considerando os diferentes recursos linguísticos projetados no discurso narrativo (tempo, espaço, narrador-focalizador) e a perspectiva das demais personagens do romance. As análises indicam que a personagem passa por três momentos expressivos que constituem a sua *figuração*: o primeiro de estabilidade (psicofísica e social) em que ela apresenta uma identidade nominal associada à beleza e à juventude; o segundo momento é de instabilidade, a partir da sua relação amorosa com o padre Amaro, em que a personagem passa por conflitos psicológicos e emocionais, explorados pelo narrador pela focalização interna; e o terceiro momento é o de transformação de sua imagem inicial, marcada pela alteração de suas características, em que os signos linguísticos apontam para a degradação psicofísica e moral. O percurso da personagem é descrito através do campo semântico do fogo que vai ganhando novos matizes de acordo com o seu grau de envolvimento com Amaro.

Uma filosofia do riso, ou o tudo que é nada

Lucas do Prado Freitas (UFPR)

No esteio dos estudos sobre a ironia e suas múltiplas formas de manifestação na obra queirosiana, pretendemos desenvolver uma reflexão sobre a dimensão filosófica do riso em *A ilustre Casa de Ramires*. Eça afirmou uma vez que o riso é uma filosofia, podendo, por vezes, ser uma salvação e, em matéria de política, uma opinião. Partindo dessa noção, a qual foi cunhada n'*As Farpas*, e tendo em conta outras ideias sobre o riso arroladas pelo escritor ao logo da sua carreira, buscaremos averiguar em que medida o riso oferece o distanciamento necessário a mais uma indagação e avaliação cética de Portugal. Observamos que, no romance em foco, o riso encontra-se não só disseminado na estrutura do romance, ou no que há de latente na representação de certas personagens, mas ainda na própria caracterização do protagonista Gonçalo Ramires, sendo frequentes os destaques à sua personalidade galhofeira, qualidade rara num fidalgo, responsável por o aproximar do populacho. O riso aparece, então, como um modo se portar numa realidade precária, algo menos nocivo do que a descrença total na inexistência de saídas para a crise moral, política e social evidenciada pelo ultimato britânico. Tal postura é sintetizada pelo engenhoso artista Videirinha, para quem não valia a pena levar as coisas tão a sério em matéria de política, uma vez que, ao final das contas, o tudo que preocupa, de repente, acaba vindo a ser nada.

Eça de Queirós na Era do Capital: dinheiro e poder em *O Primo Basílio*

Luciene Marie Pavanelo (UNESP)

Eric Hobsbawm dividiu o longo século XIX entre a Era das Revoluções (1789-1848), a Era do Capital (1848-1875) e a Era dos Impérios (1875-1914). Publicado em 1878, *O Primo Basílio* mostra como o capital passou a determinar todas as relações humanas, nas quais o dinheiro exerce mais influência do que os afetos. Sendo uma periferia da Europa, Portugal possui aspectos distintos dos centros do capitalismo, onde conceitos como a ascensão social pelo mérito, por exemplo, foram erigidos. É nosso objetivo mostrar, neste trabalho, como Eça de Queirós tratou dessas questões nesse romance, que é muito mais complexo do que uma mera história de adultério.

Também tu farias o mesmo: discursos de poder e autoridade de Gonçalo Ramires

Marcio Jean Fialho de Sousa (UFVJM)

Com Gonçalo Mendes Ramires, *Eça de Queirós* recupera um tema recorrente nos mais diversos registros literários de todos os tempos: o desejo pelo poder e ou pelo reconhecimento público. Tema que está presente, inclusive, em outros romances queirosianos. Nesse sentido, vale observar quais são as estratégias empregadas pelos sujeitos para efetivar essa ambição. Um recurso evidente em *A ilustre casa de Ramires* é a tentativa da personagem ingressar no mundo literário, mas também é importante analisar as estratégias de micro poder expressas por argumentos de autoridade dessa personagem. Dito isso, o objetivo desta comunicação é analisar os argumentos de autoridade, empregados pelo protagonista do romance, muitas vezes disfarçados por boas ações, além de buscar contextualizar os mecanismos de poder que servem de pano de fundo para as escolhas das ações.

O diabo português e o esqueleto do sertão: uma análise dos contos *O senhor Diabo*, de Eça de Queiroz, e *A dança dos ossos*, de Bernardo Guimarães

Maria Luísa Bruno Baumgart (UEPG)

Eça de Queiroz, um dos maiores nomes da literatura portuguesa, destacou-se principalmente por seus romances, porém sua produção de contos também é significativa. Algumas dessas produções foram publicadas em revistas e compiladas, postumamente, sob o título *Prosas bárbaras* (1903), na qual se encontra o escrito *O senhor Diabo*, objeto deste estudo, publicado pela primeira vez em 1867, na *Gazeta de Portugal*. Na mesma época, no Brasil, Bernardo Guimarães produzia contos que, tal qual o autor de *Os Maias*, exploravam temas como, a condição humana e o sobrenatural, como o conto *A Dança dos ossos* (1871). A narrativa de Eça de Queiroz explora a temática religiosa, a partir da crença no diabo e suas – tentativas de – intervenções na humanidade, sob uma perspectiva irônica e humanizada da figura bíblica. Já o conto de Bernardo Guimarães aborda a volta daqueles que morreram, em uma atmosfera marcada pela tensão entre o real e o insólito. Desse modo, objetivamos discutir a presença do fantástico, sua relação com o maravilhoso religioso, bem como as aproximações ou divergências entre os contos *O senhor diabo* e *A dança dos ossos*. Para tal fim, nos apoiaremos na fortuna crítica dos contos e nos teóricos David Roas e Tzvetan Todorov.

Estética de conversação e linguagem arcaizante em *A ilustre casa de Ramires*, de Eça de Queiroz

Orlando Grossegeesse (CEHUM/U. Minho)

No meu estudo sobre a estética e a crítica de conversação na obra queirosiana (GROSSEGESSE, 1991) omiti referências a *A ilustre casa de Ramires*. Este romance parecia não contribuir para a superação da conversação através do diálogo socrático e para um projeto de (re)carnavalização, tal como acontece em *A cidade e as serras* (vd. GROSSEGESSE, 2013). Nesta comunicação, empreender-se-á uma análise da cultura de conversação provinciana, na qual se destaca André Cavaleiro, o político-dândi de Oliveira. A união de palavra, honra e ação enérgica que Gonçalo Ramires idealiza nos seus antepassados serve-lhe de antídoto. Perante o diletantismo e a conversação, a tentativa de recuperar a palavra como imperativo para a ação fica pela imersão no passado e numa linguagem arcaizante. Nos avanços e recuos de Gonçalo ao escrever a novela *A Torre de D. Ramires* espelha-se – de uma forma paródica – o dilema de um Eça que se quer afastar do perfil de escritor-dândi, procurando uma saída da decadência, compreendida como um problema não só ético-moral mas também discursivo. A paródia da escrita de Gonçalo coaduna-se com a atitude cética de Eça perante o “renascimento do Patriotismo” provocado pelo Ultimato Britânico (vd. a carta que escreve desde Paris a Oliveira Martins, em 28 de janeiro de 1890).

O último dos Ramires ilustres

Raquel Trentin Oliveira (UFSM)

Com observa Ofélia de Paiva Monteiro, *A ilustre casa de Ramires* se constrói em torno de Gonçalo a ponto de adquirir o cariz de “romance de personagem” (2014). Proponho, assim, uma leitura da figuração de Gonçalo Mendes Ramires, usando como base a teoria narratológica de Jans Eder (2014), que entende as personagens como “intersubjective constructs”, com quatro dimensões inter-relacionadas: “artefacts”, “represented beings”, “symbols”, “symptoms”. Considerando tais dimensões, projeto, então, quatro níveis de análise: a que recai mais precisamente sobre dispositivos textuais – tais como a multiperspectivação da personagem, a narrativização do seu discurso interior, a ironia; a que avalia, em correlação, as ações e motivações de Gonçalo como ser ficcional; a que perscruta os significados indiretos e abstratos que a sua representação pode assumir, sobretudo pelo seu alcance irônico; finalmente, a que relaciona esses significados com questões sócio-históricas do Portugal finissecular, revisitando algumas interpretações como a da própria Ofélia Paiva Monteiro (2014), que vê na figuração de Gonçalo um modo de Eça “descarregar sua zanga com o presente”; ou Margarida Calafate Ribeiro (2004), que lê, na aventura do protagonista a África, o projeto do autor do que poderia ser o colonialismo português pós-ultimatum.

Discurso sobre os discursos do discurso: o que digo sobre o que disseram a respeito de *A ilustre casa de Ramires*

Rosana Apolonia Harmuch (UEPG)

Em comemoração aos cem anos de *A ilustre casa de Ramires*, Beatriz Berrini organizou uma coletânea de onze artigos que reiteravam, naquele momento, o que seguimos atestando neste VI Encontro Internacional do Grupo Eça: trata-se de um romance que não se cala. Essa é uma das definições de Ítalo Calvino para os clássicos, a de que nunca terminam de dizer o que têm a dizer. A coletânea a que me referi é um dos muitos registros dessa abundância de vozes mobilizadas por *A ilustre casa de Ramires*. Dela selecionei três textos, na tentativa de refletir sobre esses discursos. Os artigos são de autoria de três reconhecidos críticos literários: Antonio Candido, Laura Cavalcante Padilha e Paulo Franchetti. Os títulos são, respectivamente: 'Ironia e latência', 'A ilustre Casa e as lanças metidas em África' e 'Um patife encantador?'

Gonçalo e o problema da consciência

Silvio Cesar dos Santos Alves (UEL)

O problema da consciência, a meu ver, está disseminado em todas as camadas do romance *A Ilustre Casa de Ramires*. Qual seria, por exemplo, o efeito da decadência não apenas da sua linhagem, mas também do seu próprio país na psicologia de Gonçalo, se não um processo de retração, nos termos propostos por Lasch, em *O mínimo eu* (1984), da sua própria subjetividade ante as situações extremas do seu cotidiano (pelo menos para as suas aspirações), geralmente marcadas pela humilhação em diversos sentidos? E, em certos casos, como aqueles ligados aos lapsos que o levariam a dar explicações diferentes para um mesmo evento, ou mesmo nos seus sonhos e pesadelos, de características alucinatórias, não seria possível falar-se mesmo em divisão do eu, como se a sua subjetividade estivesse em constante disputa entre um verdadeiro e um falso *self*, tal como Laing, em *O eu dividido* (1960), afirma ocorrer na condição esquizoide? E o que mudaria toda essa condição patológica, de assédio à sua subjetividade, se não um processo de autoconstituição narrativa, por meio da escrita de uma novela a partir do poemeto do tio, e que não é senão uma tentativa de escrita de si mesmo que lhe garantiria certa continuidade narrativa entre o seu passado e o seu futuro? A integridade ontológica necessária para que o personagem pudesse tomar decisões próprias, no sentido da conformação de uma identidade, não surge senão após uma fase mais avançada desse processo narrativo, embora as intenções que determinarão

os seus pensamentos e as suas ações no futuro possam ser monitoradas preliminarmente desde o início da escrita daquela obra, como nos ensina Gallagher, no ensaio "Philosophical conceptions of the self" (2000), acerca do senso de agência. Por outro lado, se o desaparecimento de Gonçalo na narrativa é sintomático da aquisição, por esse personagem, de uma identidade forte, em oposição aos fragmentos que o dilaceravam enquanto ainda residia na Torre, mas sobre a qual podemos apenas conjecturar, a partir do que dele ficamos sabendo através de sua irmã, o diálogo de seus amigos, no final da obra, valorizando-o pelas suas contradições, não deixa de ser uma intervenção do autor implícito, no sentido de colocar sob suspeita a ideia de uma vida unificada e sem descontinuidade. Quer dizer, Eça demonstra ter percebido a capacidade da sociedade para assediar a subjetividade no sentido da redução ou da divisão do eu, bem como as consequências psicológicas desse processo. O seu romance chega a simular uma espécie de terapia nesse sentido, pela via de uma escrita que não deixa de ser a de si mesmo. Mas, ao fim e ao cabo, não parece haver uma conclusão acerca do problema da consciência. O dialogismo (na carta lida por sua irmã) e a polifonia (na interpretação que os seus próprios amigos fazem acerca da sua personalidade) com que a obra se encerra, diante do silenciamento do próprio protagonista, não deixam de confirmar a abertura do romance relativamente a um problema que o autor podia apenas intuir, em seu tempo, e que mesmo em nossos dias ainda não encontra um consenso.

A apostasia do gosto

Tânia Furtado Moreira (CITCEM/U. Porto)

A reavaliação gustativa verificada no protagonista de *A Cidade e as Serras* revela, por meio da metonímia, a multiplicidade do gosto, marca da modernidade no romance de Eça de Queirós, em desfavor da tese com que foi lido pela crítica do passado.

A torre em *A ilustre casa de Ramires*: entrecruzamento entre história e ficção

Tatiana Prevedello (CMC)

No Tarot, o XVI Arcano Maior é representado pela carta *A Torre* que, simbolicamente, pode remeter às ruínas do indivíduo, na condição de sujeito inscrito na história e à reedificação do “eu” que, a partir dos escombros do passado, tem a possibilidade de se reconstruir como sujeito do discurso narrativo que elabora. No romance *A ilustre casa de Ramires*, a torre, espaço privilegiado pela personagem Gonçalo, é um importante cronotopo para pensarmos elementos que, como Paul Ricoeur sistematiza em *Tempo e narrativa*, organiza o espaço onde ocorre, essencialmente, o entrecruzamento entre a história e a ficção. Nessa perspectiva, o objetivo deste trabalho é analisar os movimentos que tensionam o discurso histórico ao ficcional, contemplando, sobretudo, a oficina da criação queirosiana mimetizada pela personagem que, neste enredo, assume a tarefa de conduzir o leitor pelas peripécias da escrita.

Da Estrada de Sintra à Rua Morgue: diálogos entre as narrativas policiais de Eça e Poe

Xênia Amaral Matos (UFPR)

Segundo Jorge Luis Borges (1999), o gênero policial é, geralmente, voltado a casos criminais, bem como é marcado por um mistério a ser desvendado por obra intelectual. A partir de sua leitura de E. A. Poe, Borges (1999) conclui que o gênero não é realista; mas sim da imaginação e, principalmente, da inteligência. Para o crítico, diante de uma narrativa policial, o leitor se torna uma invenção de Poe. Ou seja, de certa forma, fica implícito que as narrativas policiais retornam às formulas dos contos de Poe, como “Murders in the Rue Morgue” (1841), fazendo com que o leitor persiga caminhos parecidos em histórias diferentes. Já Portugal tem n’*O Mistério da Estrada de Sintra* (1884), de Eça de Queirós, juntamente a Ramalho Ortigão, o seu primeiro romance policial. Publicado de forma epistolar no *Diário de Notícias*, narra sob diferentes vozes a resolução de um assassinato, perpassando também o sequestro e o adultério. Tendo em vista essas considerações, por meio de uma perspectiva comparativista, esta análise aproxima a narrativa queirosiana com os contos policiais de Poe, a fim de verificar como o romance dialoga com as convenções legadas por Poe.